

## SOBRE BEATRIZ NASCIMENTO:

Beatriz Nascimento era mestranda da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora de História da rede de ensino do Estado do Rio de Janeiro.

Nascida em Aracaju, em 17 de julho de 1942, era teórica e militante do Movimento Negro. Foi uma das fundadoras do Grupo de Trabalho André Rebouças, na Universidade Federal Fluminense, em 1975.

Quilombo como símbolo de identidade e nacionalidade era uma preocupação constante de Beatriz, que inicia em 1978 uma pesquisa sobre o tema com dotação da Fundação Leopold Senghor (Senegal) e depois Fundação Ford. Estes estudos a levaram a Angola em 1979, onde desenvolveu um trabalho de campo na região do Rio Kwanza, marco de quilombos locais e tráfico atlântico.

Foi pesquisadora e consultora do filme "Quilombo" de Cacá Diegues, de 1984, e da peça A Causa da Liberdade de Domingos de Oliveira, em 1988.

Participou do Festival Pan-Africano de Cultura - FESPAC - em 1987, realizado na Ilha de Gorée - Senegal, onde apresentou um trabalho sobre o lugar da mulher negra no romance brasileiro.

Juntando a condição de historiadora com a qualidade de militante, Beatriz defendeu suas idéias quer em seminários, quer em programas de televisão, encontros de sindicatos, conferências pelo país, artigos em jornais e revistas.

Contudo o seu trabalho definitivo, que se prolongaria por mais de dez anos de pesquisas é o filme Ori - de Raquel Gerber - no qual Beatriz é autora do texto, narradora e também personagem.

O filme acompanha a trajetória do movimento negro no Brasil e nas Américas "documentando a existências das culturas negras transmigradas da África para a América. Ori fala da memória e da busca da autoimagem do negro na modernidade".

Ori recebeu o prêmio Paul Robeson da Diáspora no 11º Festival Pan-Africano no Cinema e na Televisão de Ouagadougou - Burkina Faso - e o Prêmio Costa Azul (O Homem e a Natureza) no 5º Festival Internacional de Cinema de Tróia - Portugal, ambos em 1989.

O filme Ori levou Beatriz a uma recente viagem à Hamburgo, na Alemanha onde participou do seminário Axé Brasil, debatendo o tema Identidade e Etnia no Brasil.

## PARA CONTATO COM A FAMÍLIA DE BEATRIZ:

ISABEL NASCIMENTO

TEL 265-9494

232-2320 (trab)

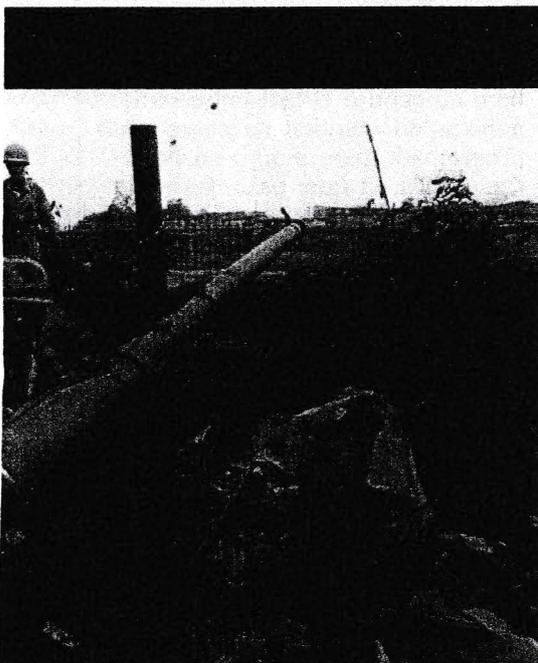


Agência Estácio

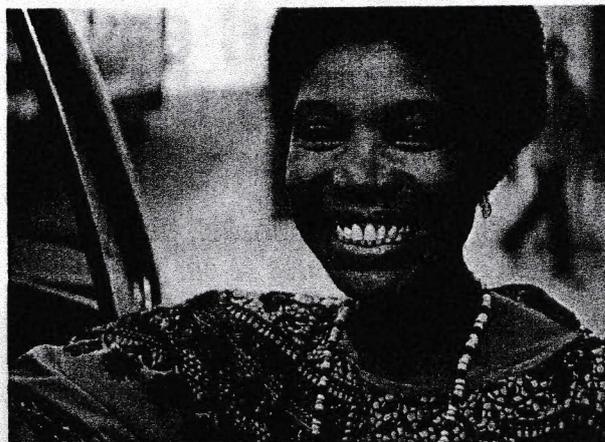
mento do edifício Atlântico, em Guaratuba.

rti-  
las,  
éli-  
vo-  
gos  
evi-  
res,  
pes-  
cais  
da  
de  
sem  
per-  
nida  
treu

a explosão, confirmaram ter visto muitos barris serem descarregados, naquele sábado. O desastre ocorreu às 10h15 e destruiu, além da casa de artigos religiosos, uma agência dos Correios, que estava aberta, atendendo o público, uma videolocadora, um ferrovelho e várias outras residências. Os bombeiros tiveram muita dificuldade para fazer o resgate dos corpos das vítimas e retirar os feridos. Cerca de 150 homens trabalharam ininterruptamente, durante todo o dia e parte da noite. **Mauro Silveira**



AFP



José Moura/Manchete

Crime

## A morte da ativista negra

**No Rio, Maria Beatriz do Nascimento é baleada e morre**

“O assassinato da historiadora e professora estadual Maria Beatriz do Nascimento, que na década de 70 tornou-se ativista do Movimento Negro e uma das fundadoras do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN), tem de ser apurado com rigor.” O apelo foi feito pelo secretário-executivo do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap), Ivanir dos Santos, durante encontro com o secretário de Segurança, Euclimar da Silva.

Maria Beatriz, 52 anos, foi morta, sábado passado, ao receber cinco tiros após uma discussão na lanchonete Pasteur, em Botafogo, Rio. Segundo testemunhas, as balas foram disparadas pelo presidiário albergado Jorge Amorim Viana, também conhecido como Danoninho, que fugiu de bicicleta, trocou de roupa em seu apartamento e desapareceu. Os dois brigaram porque a vítima teria aconselhado a companheira de Jorge, Áurea, a abandoná-lo, pois ele costumava espancá-la. Há duas semanas, inclusive, Áurea teria avisado a amiga de que Amorim planejava matá-la.

**A professora Maria Beatriz do Nascimento, morta a tiros, durante uma discussão.**

# República Federativa do Brasil



Estado do Rio de Janeiro  
PODER JUDICIÁRIO

**DR. ROBERTO LUIZ FAUSTO JOBIM**, Oficial Vitalício da  
QUINTA CIRCUNSCRIÇÃO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS  
Rua Djalma Ulrich, 154 - 2º, 5º e 7º andares.  
COMARCA DA CAPITAL - FREGUESIAS: LAGOA E GÁVEA

## CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICA que, revendo o livro 424\_C de registro de óbito, -  
dele, à fls. 274, sob o número de ordem 84057, consta o de-\*--  
**MARIA BEATRIZ NASCIMENTO**, falecida em 28 de janeiro de-\*--\*--  
1995, às 20:15 horas no(a) Hospital Miguel Couto, do sexo-\*--\*  
feminino, filha de Francisco Xavier do Nascimento e de Rubina-  
Pereira do Nascimento, com a idade de 52 ano(s), profissão-\*--  
funcionária pública, estado civil divorciada, residente à rua-  
Silveira Martins, 24/1106, natural de Aracaju/SE. Deixou um(a)  
filho(a) maior, deixou bens, era eleitora e faleceu sem-\*--\*--  
testamento conhecido. **Causa mortis** : ferimentos-\*--\*--\*--\*--\*  
transfixante e penetrante do torax e abdômem com lesão dos-\*--  
pulmões; vasos da base e alças intestinais; hemorragia interna  
e anemia aguda; projéteis de arma de fogo. Médico atestante-\*--  
Dr(a). Virginia R. R. Dias. Local de sepultamento: Cemitério-\*  
São João Batista. Declarante: José Geraldo dos Anjos.-\*--\*--\*--  
Observações : Guia 54 da 14ªDP-\*--\*--\*--\*--\*--\*--\*--\*--\*--\*--\*--\*--\*

Eu \_\_\_\_\_, escrevente autorizado, a  
reafirmar o referido é verdade e dou fé.



31 de janeiro de 1995

Francisco Edelberto Petraglia  
Escrevente Autorizado - CLT

## JULGAMENTO DO ASSASSINO DE BEATRIZ NASCIMENTO

O assassino da professora Maria Beatriz Nascimento, historiadora e militante do Movimento Negro, será levado a Júri Popular no dia 7 de dezembro de 1995 às 13 horas no 4º Tribunal do Júri, no Fórum da Cidade do Rio de Janeiro.

O Júri será presidido pela Juíza Drª Elizabeth Gregori, cabendo a acusação ao Promotor Público Dr. Afrânio Silva Jardim auxiliado pelo assistente de promotoria e advogado da família de Beatriz Nascimento, Dr. Tércio Lins e Silva.

Pronunciado como homicida qualificado, o assassino confesso Antônio Jorge Amorim Vianna, que praticou o crime em janeiro deste ano, terá a sua defesa a cargo do Defensor Público Dr. Francisco Santana.

### CIRCUNSTÂNCIAS DO CRIME:

No final da tarde de sábado, dia 28 de janeiro de 1995, Beatriz foi fria e brutalmente assassinada pelo preso albergado Antônio Jorge Amorim Vianna na calçada do bar Pasteur, com 5 tiros, na presença de cerca de 60 pessoas. Após o crime o assassino pegou sua bicicleta e saiu pedalando, tomando o rumo do Aterro do Flamengo.

Das pessoas que assistiram ao crime, 3 delas se tornaram testemunhas do caso e reafirmaram em juízo que o crime foi frio e premeditado, tendo o assassino provocado a vítima, Beatriz, desde mais ou menos às 15 horas, xingando-a e ameaçando-a de morte.

O assassino foi em casa e colocou uma arma no cós da bermuda que vestia, sem camisa, fazendo questão de que todos os presentes percebessem que ele estava armado, e continuou provocando-a, até que atirou, desferindo 5 tiros, que atingiram o peito, ventre e braços. Beatriz, ainda com vida foi socorrida por uma ambulância, vindo a falecer no trajeto para o Hospital Miguel Couto.

O motivo do crime, soube-se depois, deveu-se ao ódio que o assassino cultivava pela vítima. Beatriz dias antes, havia se recusado a promover a reconciliação do assassino com a namorada Áurea, sua amiga.

O assassino está preso no Lemos de Brito. Confessou o crime. Assim, ele está *promovendo* *Minimizar* por *UUUUUUUU* homicídio qualificado, face não só ao motivo fútil e a violência do ato, como também pelos seus antecedentes criminais. Ele foi condenado por crime de estupro de uma professora em Angra dos Reis, porém já se encontrava albergado, e teria o benefício da condicional a seguir. Era conhecido na vizinhança, em Botafogo, onde nasceu e morou (morava em apartamento próprio, defronte à Baía da Guanabara, ao lado da IBM e de outros prédios de luxo) como pessoa violenta. Na sua folha criminal constam crimes de lesão corporal, roubo, estupro e homicídio - arquivados. Embora estivesse em regime de albergue, tinha privilégios, pois nem sempre dormia na prisão (Presídio Edgar Costa). Possuía um barco de pesca que ficava ancorado na praia da Urea, no qual dizia que fazia pesca com amigos. *culpa: o crime*

O Defensor Público Dr. Francisco Santana atrolou para o júri as testemunhas tanto de acusação como de defesa, e sua tentativa provavelmente será de atenuar a pena do assassino apelando para o expediente de vilipendiar a imagem de Beatriz.

1984. José Carlos Romão

SOBRE BEATRIZ

Como trilhar um caminho conciliatório com a vida, quando o real por ela apontado parece sempre estranho e angustiante? Esta, a questão debatida, verunada, por toda uma geração de jovens negros que, nas últimas décadas, tem trazido a público, de um modo ou de outro, seu inconformismo com situação social ou existencial dos descendentes de escravos no Brasil. É uma história por demais conhecida: em 107 anos de alforria, os tetranetos da África, filhos do Brasil, não foram devidamente perfilhados como cidadãos. Liberados no papel, permanecem, enquanto grupo, na segunda classe da História social.

Beatriz Nascimento foi uma dessas pessoas atravessadas pela angústia daquele famoso "resíduo insolúvel" no processo da modernidade, sobre o qual sociólogos e antropólogos vivem construindo suas teses. Eu a conheci de perto, percebi que ela sabia e sentia que, no resto insolúvel, parecia jogar um certo destino, inaceitável para a consciência da pessoa negra.

Tentou, como intelectual (professora de História, conferencista, escritora) ~~apre~~ compreender e superar o trágico ~~antigo~~ oriundo da divida simbólica do ser negra. Tinha largo trânsito na comunidade.

Na vida pessoal, era as vezes sofrida, mas sempre lúcida e doce. Não a atemorizava o risco da verdade. Mas isto é temerário, quando se vive numa sociedade machista e falsamente cordial, como a nossa.

Na morte, espera ~~le~~ e a sociedade lhe deve ~~o~~ justiça.

Mariz Soló

Rio, 23 de fevereiro de 1995

AO JORNAL DO BRASIL,

Segundo a delegada titular da DEAM - Delegacia Especial de Atendimento a Mulher - Leila Carvalho, em carta ao JB em 14/2/95, o homicídio da historiadora Maria Beatriz Nascimento "não apresenta contornos de crime cometido contra a mulher".

Uma das mais caras lutas do movimento de mulheres contra a violência, expresso na frase "Quem ama não mata" visava introduzir a cidadania da mulher dentro dos lares, onde a violência cometida por maridos e companheiros foi deixando de ser vista como um direito do homem, ou um "assunto de família". Para isso foi essencial a solidariedade a mulher agredida expresso em outra frase: "Em briga de marido e mulher se mete a colher".

Beatriz foi assassinada porque achou que era um direito seu brigar pelos direitos de outra mulher. A denúncia da violência contra a mulher e contra quem quer que seja é uma obrigação do cidadão e sempre foi um ofício para Beatriz.

Cabe lembrar também que o assassino, Jorge Amorim, estava na condição de albergado, tendo cumprido em regime fechado menos da metade de uma pequena condenação por crimes de estupro e homicídio contra uma mulher. Isso vem comprovar mais uma vez o quanto crimes contra mulheres vêm merecendo julgamentos quase sempre mais demorados e com penas menores, se comparados a outros tipos de crimes.

Por todos esses motivos consideramos que o crime cometido contra Beatriz é sim crime contra a mulher, não só pela vítima em si, mas também pelo aspecto de intimidação que desencoraja as mulheres a serem mais solidárias umas com as outras na luta por sua integridade física, seus direitos e por justiça.

LUENA NASCIMENTO NUNES PEREIRA

Rua Silveira Martins 24 apt 1106  
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ  
22221-000  
Tel: 265-9494 / 285-5826

# GRUPO DE TRABALHOS ANDRÉ REBOUÇAS G.T.A.R.

28. 01. 95

**M**aria Beatriz do Nascimento, barbaramente assassinada em 28 de janeiro de 1995, era professora, historiadora e militante do movimento negro.

**O** seu assassino será levado a júri popular no dia 7 de dezembro às 13 hs no 4<sup>o</sup> Tribunal de Júri no Palácio da Justiça.

**B**eatriz foi uma das fundadoras do Grupo de Trabalhos André Rebouças, instituição criada por um grupo de alunos e ex-alunos negros da Universidade Federal Fluminense, e membros da comunidade afro-brasileira do município de Niterói, voltados para a revisão dos princípios que norteavam a abordagem da questão racial no Brasil. Hoje, o G.T.A.R. é uma instituição jurídica de utilidade pública que atua no estado do Rio de Janeiro.

**N**este sentido, o Grupo de Trabalhos André Rebouças vem se aliar à comunidade negra e a toda a sociedade brasileira para exigir que a justiça seja feita.

G.T.A.R. - Caixa Postal nº 100.731 CEP: 24.022.970 Niterói RJ



Foto: Raquel Gerber  
Montagem: Vitor Nascimento

Salvador, 6 de abril de 1996.

Luená,

recebi durante a semana santa os documentos referentes a Beatriz. Confesso que estava desgostoso pela demora. Vou divulgá-lo entre os grupos de mulheres daqui, do movimento negro e da Universidade Federal. Farei contato com uma amiga para divulgação no Congresso da ABA - Associação Brasileira de Antropologia que será realizado aqui a partir de 15/04.

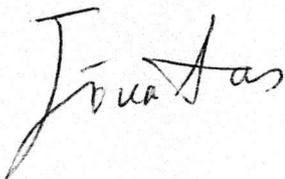
Seguem matérias de Beatriz publicadas no Jornal do MNU para acréscimos à sua bibliografia. Tenho poemas inéditos sobre Zumbi que espero logo enviá-los. Poemas dela.

As fotos de Betânia foram da sua última vinda aqui com o ballet. Enviei algumas para ela, espero que as tenha recebido.

Daqui ficaremos torcendo para que a justiça se faça e cumpra no dia 18. Força para você e toda a família.

Apareça. Não me deixe sem notícias.

Beijos,

A handwritten signature in cursive script, appearing to read 'J. Soares'.

Rio de Janeiro, 2 de maio de 1996

Sra. Marilene Felinto.

Quando pedi à sra. jornalista que divulgasse de alguma forma, no jornal em que escreve, o julgamento do assassino de Beatriz Nascimento, não foi de forma alguma com o intuito que julgasse o assassino confesso, ou que pressionasse a justiça. Sei que felizmente, os jornalistas não têm tal poder.

Pensávamos (nós, a família) que o desaparecimento de Beatriz Nascimento, uma historiadora conhecida, que contribuiu de forma relevante para uma nova concepção da história do negro e do Brasil fosse motivo suficiente para merecer o destaque (que acabou por receber) da imprensa.

Não esperávamos que a jornalista se sentisse pressionada ou incomodada com um pedido de uma leitora. Pedidos ou sugestões de pauta a jornalistas independentes são prática comum, servem para informação dos jornalistas e chefes de pauta que não têm obrigação total de estar a par de tudo. A participação na construção da informação do jornal que lemos faz parte do jogo democrático.

Me causou espanto porém, que a jornalista se sentisse no direito de superficialmente "julgar" o ocorrido classificando-o de "briga de bar". Tratou-se de um crime fútil cometido por um homem que já carregava três processos e duas condenações por crimes contra a mulher, em meio a treze processos. Beatriz se recusava a reconciliar o assassino com a namorada, amiga de Beatriz, a quem ele espancava. Seus treze processos demonstram que a impunidade foi regra na conduta do assassino.

Desta vez o assassino foi condenado a 17 anos em regime fechado.

O fato de Beatriz ser uma figura de destaque no movimento negro não influenciou diretamente no crime. Influuiu que sua morte foi sentida pelos setores do movimento social e do meio universitário envolvidos na construção de uma nova sociedade onde o negro e a mulher atuem de forma a assumir um papel mais autônomo nesta.

A gratuidade de tomar um pedido - que fiz de forma idêntica a mais de dez órgãos de comunicação - como um ataque pessoal me "chocou".

Droga de vida! Não era preciso vingar a morte de um avô desrespeitando a morte de minha tia.

*Luena Nascimento Nunes Pereira*  
Luena Nascimento Nunes Pereira

Rua Silveira Martins 24/1106  
Flamengo - Rio de Janeiro  
CEP: 22221-000  
Tel: (021) 265-9494  
Fax: (021) 265-9961

COM CÓPIA PARA  
O OMBUDSMAN  
MARCELO LEITE

CURRICULUM VITAE AND  
PERSONAL APPEARANCE

NAME: MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

DATE OF BIRTH: 17/07/1942

NATIONALITY: BRAZILIAN

- I - Professor attached to The Secretary of Education - RJ - 1984  
until now
- II - Post-Graduate in Social Communication and Information in Brazil,  
ECO/UFRJ - Communication School/Federal University Rio de Janeiro,  
1992.
- III - Post-Graduate and Specialist in History of Brazil - ICHF/UFF  
(Federal University Fluminense) 1979-1981
- IV - Graduated and Licensed in Universal History - IFCS/UFRJ, 1971
- V - Itinerary, Long Text and Narrative on Long Documentary Film,  
ORI of Raquel Gerber Director:  
- Costa Azul Prize (The Man and the Nature section) 5<sup>o</sup> Cine Tróia  
Festival - Portugal. 15 Best Documentaries in the World-Centenn-  
ial of the City of Yamagata International Documentary Film Fest-  
ival, 89. - Japan. Honorable Mention for Documentary - Prized  
Pieces 89 - National Black Programming Consortium, Columbus -  
Ohio - USA. Special Jury Award Film and Video Sociology Cate-  
gory in the gold Gate Awards Competition - San Francisco Interna-  
tional Film Festival - California, USA. 11<sup>o</sup> Paul Robenson Prix  
in the Pan African Festival Cine and Television, Ougadougou, Bor-  
kinafaso - Africa. 1989
- VI - Research on the Theatrical Play "THE LIBERTY CAUSE" - Black move-  
vement from Slavery Abolition, 1988.
- VII - Speaker in meetings concerning Afro-american culture and the  
Hero Zumbi de Palmares - since 1974 until now.

- VIII - Many International Journeys to Africa (RPDE Angola, Senegal, Mali, Nigeria, Côte D'Ivoire) and Caribbean Islands (Martinique, Guadalupe) - 1979, 1987, 1991.
- XIX - Research of the Kilombos movement in History at the Ford Foundation, also at the Leopold Senghor Foundation, 1978 - 1980.
- X - At present doing research on sounds emitted in Holography space by Afro-Brasilian and Afro-Latin entities (Placed in Candomble's Ecological Heap).

Rio de Janeiro, 17 October 1992  
Mania Beatriz Nascimento

**Discurso pronunciado por ocasião da cerimônia de homenagem a Beatriz Nascimento na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, em 22 de agosto de 1995.**

É com profunda emoção que, em nome da família de Beatriz Nascimento, agradeço à Vereadora Jurema Batista ter promovido esta cerimônia de homenagem à memória de Beatriz e de Lélia Gonzalez, duas mulheres negras, duas professoras e militantes que, por muitos anos, palmilharam a mesma estrada no mesmo combate.

Quero estender a minha homenagem a mais quatro irmãos que, entre outros, também dedicaram boa parte das suas vidas ao mesmo ideal. Relembro, assim, com saudade, de Eduardo de Oliveira e Oliveira, de Marlene Cunha, de Hermógenes de Almeida e de Reinaldo Guedes Miranda. Que a sua memória seja sempre cultuada na nossa comunidade.

Meus queridos Amigos, a nossa Beatriz dedicou mais de 15 anos de sua vida à pesquisa dos quilombos. Ela dizia que, como mulher negra do século xx, como historiadora brasileira, não podia limitar-se à história da escravidão, à história do negro vencido. Beatriz precisava de uma história livre. E essa história livre teve como foco o estabelecimento dos quilombos e com eles o surgimento do herói nacional Zumbi, que hoje reverenciamos por ocasião do 3º centenário da sua morte. Ele é um herói na história e na lenda, é a figura central, mítica, de nosso Brasil ainda por construir.

Essa pesquisa, que tem como origem o inconsciente da infância de Beatriz, em Aracaju, se concretiza, a partir de 1979, com um projeto financiado pela Fundação Senghor, do Senegal, e pela Fundação Ford. É na pertinácia do cumprimento da pesquisa, para esse projeto e para a realização do filme Ori, de Rachel Gerber, que Beatriz vai a Angola, em 1979, onde pisa o solo de origem dos quilombos e fundamenta a sua continuidade histórica no Brasil.

Num simpósio pan-africano, visita Gorée, no Senegal, em 1987, onde o seu trabalho se enriquece com um aporte cultural e religioso. Daí, vai à Martinica, nas Antilhas, em 1991, num congresso onde, como dizia o programa, "os tambores do mundo inteiro se encontram na Martinica".

Entretanto, o filme Ori, em que Beatriz é não só autora do texto como personagem, está fazendo o seu caminho. Foi premiado no Festival de Uagadugú e no Festival de Troia., em Portugal. Ambos em 1989.

O longo trabalho no filme Ori estimulou Beatriz a iniciar um mestrado na Escola de Comunicação da UFRJ e a levou a participar , em setembro de 1994, num seminário de cultura negra na Alemanha.

Como escreveu recentemente Rachel Gerber, Beatriz, "era um espírito inovador e uma profeta do povo negro brasileiro (...) que procurava entender o processo de colonização cultural do nosso país."

A família Nascimento procura servir à causa pela qual Beatriz lutou organizando o acervo que ela nos deixou, com seus livros, seus textos, suas poesias, suas entrevistas, enfim, com o seu trabalho. O objetivo maior é que esse patrimônio seja organizado e fique à disposição para estudo e pesquisa de todos os que quiserem se dedicar à mesma causa. A educação sempre foi a preocupação primeira de Beatriz.

Muito obrigado  
Maria Isabel do Nascimento

## PERFIL DE MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

Maria Beatriz Nascimento, filha de Francisco Xavier do Nascimento e Rubina Pereira Nascimento, nasceu em Aracaju, Sergipe a 17 de julho de 1942, no seio de uma família composta de pais, ele pedreiro e ela dona de casa, e dez irmãos. Ainda criança, com sete anos, Beatriz emigra com a família para o Rio de Janeiro, em 1950, em busca naquele momento de melhores condições de vida, que para esta família se traduzia fundamentalmente no acesso a educação, para obter "melhores oportunidades de vida".

Para atingir tal objetivo, Beatriz frequentou, como seus irmãos menores, escolas públicas, onde completou sua educação básica e secundária, vindo a graduar-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1971.

Especializou-se em Técnica de Pesquisa sob a orientação de José Honório Rodrigues no Arquivo Nacional, Arquivo Diplomático do Itamarati, em 1971. Participou da publicação do Senado para o Sexquicentenário - O Parlamento e a Evolução Nacional.

Como teórica e militante do Movimento Negro foi idealizadora e fundadora do Grupo André Rebouças da Universidade Federal Fluminense em 1975 onde veio a concluir o curso de Pós-Graduação em História em 1981.

O GTAR - Grupo de Trabalho André Rebouças - congregava alunos e ex-alunos de diversos cursos, da Universidade Federal Fluminense com o objetivo de estudar e pesquisar questões ligadas ao negro na área de educação e cultura. Até 1979 o GTAR ficou diretamente ligado à UFF.

Promoveu anualmente semanas de estudos interdisciplinares, onde se debatia a questão do negro em áreas como religião, cultura, violência contra a

mulher, história, direito e antropologia. Foi o primeiro grupo de estudantes negros a reunirem-se, dentro da Universidade, para debater questões raciais, no Rio de Janeiro. Destas discussões acadêmicas foram produzidas quatro publicações - Cadernos Estudos. Os dois primeiros contêm artigos de Beatriz. Estes cadernos eram distribuídos principalmente nas universidades, bibliotecas, escolas de 2º grau.

O GTAR buscava incentivar os jovens negros a ingressarem na Universidade, para que dentro dela pudessem discutir as suas questões e produzir um conhecimento científico acerca destas. Beatriz defendia que a Universidade fosse um espaço privilegiado para a luta do movimento negro, na medida em que era necessário reescrever a História do Brasil, resgatando a real dimensão e o real papel do negro nesta história.

O ponto central de toda a sua atividade de pesquisa é o estudo sobre quilombos. Essa pesquisa que tem como origem o inconsciente da infância de Beatriz em Aracaju, se concretizou a partir de 1979, com um projeto financiado pela Fundação Senghor, do Senegal, e pela Fundação Ford. É na pertinácia do cumprimento da pesquisa para esse projeto e para a realização do filme Ori, de Rachel Gerber, que Beatriz vai a Angola em 1979, onde pisa no solo de origem dos quilombos e fundamenta a sua continuidade histórica no Brasil.

Num simpósio Pan-Africano - FESPAC 1987 - apresenta um ensaio sobre o lugar da mulher negra no Romance Brasileiro. Visita Gorée no Senegal e enriquece o seu trabalho com um aporte cultural e religioso. Daí vai a Martinica nas Antilhas, em 1991, num congresso onde, como dizia o programa "os tambores do mundo inteiro se encontram na Martinica".

Entretanto, o filme Ori, da cineasta paulista Rachel Gerber, onde Beatriz é não só autora do texto, como também roteirista e narradora, está fazendo o

seu caminho. Premiado no Festival de Uagadugu e no Festival de Tróia, em Portugal, em 1989, acompanha as etapas da tomada de consciência histórica do Movimento Negro.

O longa metragem e documentário de sucesso internacional que se tornou Ori estimulou Beatriz a iniciar o mestrado na Escola de Comunicação da UFRJ, onde escrevia sua tese sobre a obra ficcional do Professor Muniz Sodré, considerando as mudanças de enfoque sobre as questões étnicas.

Ori foi, em outubro de 1994, apresentado num simpósio na Alemanha sobre Cultura Negra no Brasil. Foi a última viagem de Beatriz.

Como escreveu recentemente Rachel Gerber, "Beatriz representou um dos pensamentos mais brilhantes da moderna historiografia brasileira... Ela dizia que para uma mulher negra do século XX ela não podia mais indentificar-se com a história da escravidão no negro vencido, escravo. Ela precisava de uma história livre que foi a do estabelecimento de quilombos e do surgimento do herói mítico civilizador que foi Zumbi dos Palmares... Beatriz era um espírito inovador e uma profeta do povo negro brasileiro". (Rachel Gerber é socióloga e cineasta, diretora do filme ORI)

Para Muniz Sodré "Beatriz foi uma dessas pessoas atravessadas pela angústia daquele famoso 'resíduo insolúvel' no processo da modernidade, sobre o qual sociólogos e antropólogos vivem construindo suas teses. Eu a conheci de perto, (...) Na vida pessoal, era às vezes sofrida, mas sempre lúcida e doce. Não a atemorizava o risco da verdade. Mas isto é temerário, quando se vive numa sociedade machista e falsamente cordial como a nossa. Na morte,

espera - e a sociedade lhe deve - justiça". (Muniz Sodré é escritor, teórico da comunicação e professor de comunicação social da UFRJ)

Helena Theodoro, sua parceira no livro *Negro e Cultura no Brasil* (Rio de Janeiro, Unibrade - UNESCO, 1987), assim escreveu: "Historiadora por profissão e vocação, sempre buscou desvelar as verdades escondidas nas verdades dos outros...Suas pesquisas sobre quilombos ajudaram a mudar nossa historiografia...Mulheres com Maria Beatriz Nascimento, que ousaram pensar discordar, contestar e criar um modo próprio de ser no mundo, pagam um preço alto por esta ousadia (...) Chegará um tempo, tenho certeza, em que mulher negra e violência não estarão tão interligadas.Haverá um tempo, tenho certeza, em que não seremos vistas como loucas obstinadas, visionárias ou sonhadoras, mas simplesmente com mulheres negras brasileiras que sabem que o sonho de ter direitos pode se tornar realidade". (Helena Theodoro é doutora em Filosofia, Professora da Universidade Gama Filho e co-autora do livro *Negro e Cultura no Brasil*)

Éle Semog vê Beatriz como "Uma mulher de sorriso cativante, de emoção à flor da pele, capaz de recriar a África inteira com seus códigos, seus símbolos, seus gestos (...) Fica em nós a saudade da professora da amiga, da "quilomba", que tão soube com a sua construção anunciar que estamos construindo um futuro bom, a partir da compreensão que o nosso passado foi interrompido". ( Éle Semog é poeta, militante do do Movimento Negro e diretor do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas - CEAP)

Maria Berriel, em seu depoimento traduz sua emoção dizendo: "Para nós, que convivemos por tantos anos com Beatriz Nascimento e que a conhecemos tão de perto, sentimos o seu desaparecimento como uma perda irreparável, sua combatividade e seu posicionamento frente as injustiças sociais, sua brilhante inteligência refletida em suas participações acadêmicas, encontros, congressos e em debates fizeram dela figura de destaque onde quer que se apresentasse. Na defesa das minorias destacou-se como figura relevante contra a opressão e o preconceito contra o negro". (Maria Berriel é professora titular de Antropologia da Universidade Federal Fluminense).



CULTUR COOPERATION e.V.  
Nernstweg 32-34 · D-22765 Hamburg

**Luena Nascimento**  
**Rua Silveira Martins, 24**  
**22221000 Flamengo/ R.J.**  
**Brasilien**

Nernstweg 32-34  
D - 22765 Hamburg  
Tel. 040 / 390 94 63  
39 41 33  
FAX 390 98 66

Hamburg, den 20. 2. 95

Dear Luena Nascimento,

I received your address from Mr. Wolfgang Eckstein from Berlin, who informed us about the murder of your aunt Beatrice Nascimento.

Please, let me offer you our deepest condolences! Our thoughts and emotions are with you and your family. For this difficult time we wish you all the best and a lot of power!

All of us, who became acquainted with Beatrice last September in Hamburg have been deeply shocked when we heard about her death. Although we have met her only for a few days she became very near to us through her interesting ideas and her impressing personality, so that she will live on in our imagination.

Dear Luena, I send to you a solidarity-letter for the family of Beatrice in english and it would be very nice of you if you could translate it for Beatrice's whole family, because, sorry, I don't speak the Brazilian language. Thank you very much!

For you and your studies we wish you all the best! And be shure that our thoughts are with you.

With kindest regards

*Lisa Nangalis*

30 mos

**CURRICULUM VITAE**

**MARIA BEATRIZ NASCIMENTO**

**FILIAÇÃO: FRANCISCO XAVIER DO NASCIMENTO  
RUBINA PEREIRA DO NASCIMENTO**

**DATA DE NASCIMENTO: 17/07/1942  
NATURALIDADE: SERGIPE  
NACIONALIDADE: BRASILEIRA  
ID: 01805292-8  
CPF:004.434.475.97-53**

+ INFORMAÇÕES  
REVISTA EPARNEI -  
1º semestre de  
2005

**CURSOS**

**1967-1971 - Graduação em História pelo ISCFH da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ**

**1971 - Técnica de Pesquisa pela APINHA no Arquivo Nacional**

**1981 - Conclusão do Curso de Pós-Graduação em História pelo Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.**

**1992- Cursando Teoria da Comunicação na Brasil - ECO - Escola de Comunicação - UFRJ**

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

**1- Estagiária em Pesquisa orientada pelo Prof. Dr. José Honório Rodrigues - Arquivo Nacional.**

**2- Crítica e colagem da obra de José Bonifácio de Andrade e Silva, sob a coordenação do Prof. Dr. José Honório Rodrigues.**

**3-Participação na publicação do Senado para o Sexquicentenário. O Parlamento e a Evolução Nacional; sob a orientação do Prof. Dr. José Honório Rodrigues.**

**4-Colagem dos documentos referentes a Conselho de Estado no Arquivo Diplomático do Itamarati.**

**5- Pesquisadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas no Setor de Pesquisa Oral.**

**6-Documentarista no Museu Histórico Nacional.**

**7- Pesquisa de Campo para projeto "Áreas Rurais Decadentes - Museu Nacional - Fundação Ford - 1978-1982.**

8- Organizadora e Debatedora da Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 1975 - 1983.

9-Notas sobre o sermão da Sexagésima do Padre Vieira, cap V da tese de doutorado do Prof. Luis Felipe Baeta Neves - 1983.

10- Pesquisa iconográfica e histórica sobre a escravidão e negro no Brasil para o longa-documentário "Ori". Texto e narração - 1989.

11- Professora de História lotada na Secretaria Estadual de Educação.

### CONFERÊNCIAS

- O Quilombo e a Historiografia - Semana de Estudos do Negro na Universidade Federal Fluminense. 1974. E na Universidade de São Paulo. 1977.

- Culturalismo e Contra-Cultura - Semana de Estudos do Negro na UFF. 1975.

- A Libertação do Negro em São Paulo -Comemorações dos 90 anos de Abolição. 1978.

- Quilombo: Mudança Social ou Conservantismo - Museu de Arte Moderna. 1978.

- O Racismo na Mídia - Painel de Relações Inter-Raciais. IBAM. 1979.

### LIVROS

. O Negro e a Cultura no Brasil - Unibrade - UNESCO, 1987, com outros autores.

### PUBLICAÇÕES

. Por uma História do Negro. Artigo na Revista Vozes, 1974.

. Negro e Racismo. Artigo na Revista Vozes, 1975.

. Escravos a Serviço do Progresso. Resenha do livro de Conrad, Robert. Os Últimos Anos da Escravatura no Brasil. Civilização Brasileira. Jornal Opinião, 1975.

. Compasso de Espera. Jornal de Debates, 25 de abril de 1976.

. A Mulher Negra no Mercado de Trabalho. Jornal Última Hora, 1976.

. O Negro Visto por Ele Mesmo. Revista Manchete, setembro 1976.

. A Senzala Vista da Casa Grande. Jornal Opinião, outubro 1976.

Zumbi de N'Gola Djanga ou de Angola Pequena ou do Quilombo dos Palmares, Jornal do Brasil, novembro 1976.

Culturalismo e Contra-Cultura. Cadernos de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira. ICHF da Universidade Federal Fluminense, 1977.

Quilombo: Em Palmares, na Favela, no Carnaval. Jornal Movimento, maio 1977.

Nossa Democracia Racial. Revista IstoÉ, novembro 1977.

A Sociologia do Exótico. Jornal do Brasil, maio 1978.

O Quilombo do Jabaquara. Revista de Cultura Vozes, maio-junho, 1978.

My Internal Blackness. Journal Village Voice, N.Y., 1982.

Daquilo que se Chama Cultura. Jornal ID, dezembro 1985.

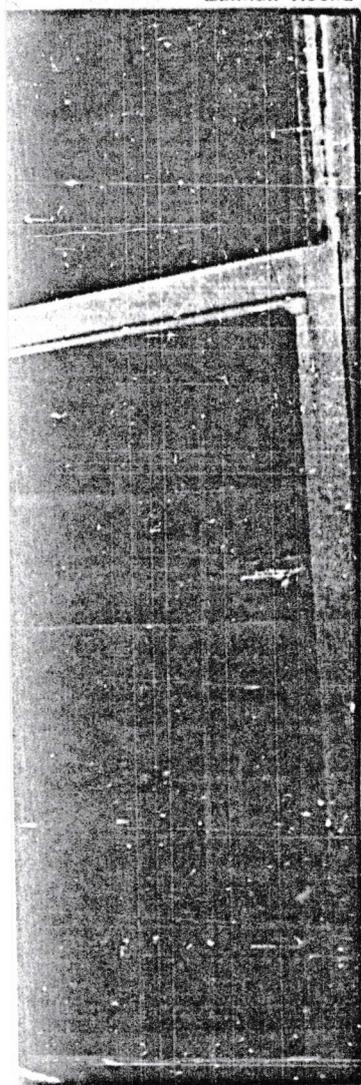
#### VIAGENS INTERNACIONAIS

- Angola - 1979. Para pesquisa de campo sobre quilombos
- Senegal - 1987. FESPAC.
- Martinica - 1991. Encontro de Povos da Diáspora Africana.
- Alemanha - 1994. Projeto Axé Brasil.

O Globo

# Boate Polícia procura testemunhas de morte de professora

Zulmeir Rocha



ido na noite de domingo

16 anos, medicado no Miguel Couto com polí-ismo. Segundo Luiz os seguranças o acusa- nvolvimento numa bri- da na boate, no dia an- jogaram no chão, onde atapés nas pernas e no

Quarenta e oito horas após o assassinato da professora de história Maria Beatriz do Nascimento, de 52 anos, a polícia ainda não tinha ontem como pedir à Justiça a prisão de Antônio Jorge Amorim, acusado de matá-la a tiros no sábado, num crime testemunhado por mais de 50 pessoas. Sem um depoimento incriminando Amorim, um foragido do regime de prisão semi-aberta, o delegado encarregado do inquérito na 10ª DP (Botafogo), João Batista Byron, foi procurar testemunhas no enterro da professora, no Cemitério São João Batista. O policial chamou para depor a namorada de Amorim, identificada como Áurea — apontada como pivô do crime — e espera ainda hoje pedir a prisão preventiva do acusado.

— Não posso solicitar a um juiz que mande prender alguém com base apenas em notícia de jornal — explicou o delegado.

Condenado a 11 anos e seis meses de prisão em três processos — um por uso de drogas, outro por homicídio e um por estupro — Amorim cumpria pena no Instituto Penal Edgar Costa. Além de poder sair durante a semana para trabalhar, o preso tinha, desde 15 de setembro de 1993, o direito de sair para visitas periódicas à família a cada 15 dias, num sábado ou domingo, das 6h às 22h. Sábado passado, contudo, não se reapresentou, já sendo considerado pelo Desipe como evadido.

Amorim foi descrito como um

homem alto, forte, louro e de 35 anos. Segundo amigos da vítima, ele tem dois apartamentos e uma lancha, a "Lumarque", na Marina da Glória. O preso, de acordo com testemunhas, matou Beatriz diante de cerca de 50 pessoas na Lanchonete Pasteur, na Avenida Pasteur, ao lado da galeria onde ficava o Cine Veneza, depois de discutir com a professora por causa de Áurea. Amorim acusou a historiadora de ter aconselhado Áurea a abandoná-lo, para não continuar sofrendo espancamentos.

Depois do homicídio, Amorim telefonou para Áurea, dizendo:

— Matei a Bia, vou te matar e depois vou me matar.

Cerca de 300 pessoas compareceram ao sepultamento de Beatriz, que era militante do movimento negro. Sua filha Bethânia, de 15 anos, acompanhou o sepultamento abraçada ao professor Muniz Sodré, da UFRJ, onde a professora era mestrandia de Comunicação e Cultura. A atriz e cantora Zezé Motta também compareceu, assim como a veadora Jurema Batista (PT).

Maria Beatriz foi uma das fundadoras do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN) e responsável pela criação do Grupo André Rebouças, da UFF, que desenvolve estudos e pesquisas sobre a cultura negra. Lá, ela desenvolveu uma tese de mestrado em história, em que comparava as atuais favelas aos antigos quilombos.

Intencional Testemunha

das (11, 21, 30 e 30), do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da PM, da Polinter e da

um Alcazar Cabral mangano, o Nêem Maluco, morto no dia 6 do mês passado.

O helicóptero Águia 4, da Polícia Civil, leva um dos mortos no troteleto para o quartel dos bombeiros na Penha

chegou droga.

# Assassino de historiadora é preso

O salva-vidas Antônio Jorge de Amorim Vianna, o Danoninho, de 35 anos, assassino da historiadora Maria Beatriz do Nascimento, de 52 anos, foi preso, anteontem à noite por policiais do Setor de Homicídios da 10ª DP (Botafogo). Antônio, que confessou o crime ao ser detido, matou a historiadora com cinco tiros no dia 28 passado, na porta de um bar na Avenida Pasteur, em Botafogo. A prisão do criminoso só foi possível graças a um telefonema anônimo.

Antônio Jorge foi detido quando bebia chope no restaurante Garota do Flamengo, na Rua Senador Vergueiro, no Flamengo. Ele havia chegado à tarde da Região dos Lagos, onde estava foragido desde o dia 29, um dia após o crime. Antônio Jorge esperava a mulher, Aurea, com quem havia marcado encontro, quando recebeu voz de prisão.

— Sentamos numa das mesas do restaurante e, depois de identificá-lo, o prendemos quando ele estava no banheiro, para não criar pânico — contou um dos policiais.

Antônio Jorge já fora condenado a 12 anos de prisão por homicídio. Ele cumpriu sete anos e há um ano e quatro meses gozava de prisão albergue (saía de manhã e voltava à noite) no Presídio Edgar Costa, em Niterói.



Maria Beatriz do Nascimento (acima), morta por Antônio Jorge de Amorim Vianna (ao lado) após discussão na porta de um bar

O assassino confesso — um salva-vidas dono de dois apartamentos na Zona Sul e uma lancha off-shore atracada na Marina da Glória — teve outras passagens pela polícia e já fora autuado por furto, lesões corporais e consumo de drogas.

Ele disse na delegacia que, embora tivesse motivos, se arrependera de ter disparado os cinco tiros que mataram a historiadora Maria Beatriz:



— Há muito tempo ela vinha enchendo a cabeça da minha mulher para separá-la de mim. Na hora da discussão, saí do sério e atirei. Foi uma vida pela outra porque a minha também está acabada.

Antônio Jorge se disse vítima da burocracia da Justiça:

— Havia ganho liberdade condicional desde o dia 6 de janeiro,

mas a Justiça não me comunicou. Senão, teria pensado duas vezes.

O salva-vidas lembrou que, depois do crime cometido, num sábado à noite, jogou seu revólver calibre 38 no Canal do Jardim de Alá, esperou amanhecer o dia e viajou de ônibus para Cabo Frio. Lá, ficou até anteontem numa pousada, antes de regressar ao Rio.

## Vítima sugeriu que amiga se separasse

A historiadora Maria Beatriz do Nascimento foi vítima de seu desejo de ajudar. Cansada de ouvir os lamentos da amiga Aurea, que frequentemente reclamava de ser espancada pelo marido, o salva-vidas Antônio Jorge Vianna, Maria Beatriz aconselhou-a a abandoná-lo. A própria Maria Beatriz havia apresentado Aurea a Antônio Jorge numa recepção.

Antônio Jorge já tivera duas discussões com a historiadora por causa da interferência dela junto à mulher. No dia 28 passado, ele passou em frente ao Bar Pasteur, na Avenida Pasteur, em Botafogo, onde Maria Beatriz costumava beber com os amigos. Quando se viram, houve nova discussão. Contrariado, Antônio Jorge, que estava com um revólver 38, ameaçou de morte. Ela não demonstrou medo:

— Me mate se for homem.

Antônio Jorge deu cinco tiros nela, diante de cerca de 50 testemunhas. Depois, fugiu a pé.

Além de historiadora, Maria Beatriz era professora do Segundo Grau, fazia mestrado em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação da UFRJ e foi fundadora do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).

Cor are ileg alv

O Ba tai est comba de are e Mar perma ter os ção, co sucessi ficar a acomp Batai Federa Depart nerais lheram quatro entre ração, mes, o pela pe mediãr galmei

Quan ele fugi mar seu cument

— Ele Policia mentos o tenen Batalha

A are ses de l mada a praias d rão inte

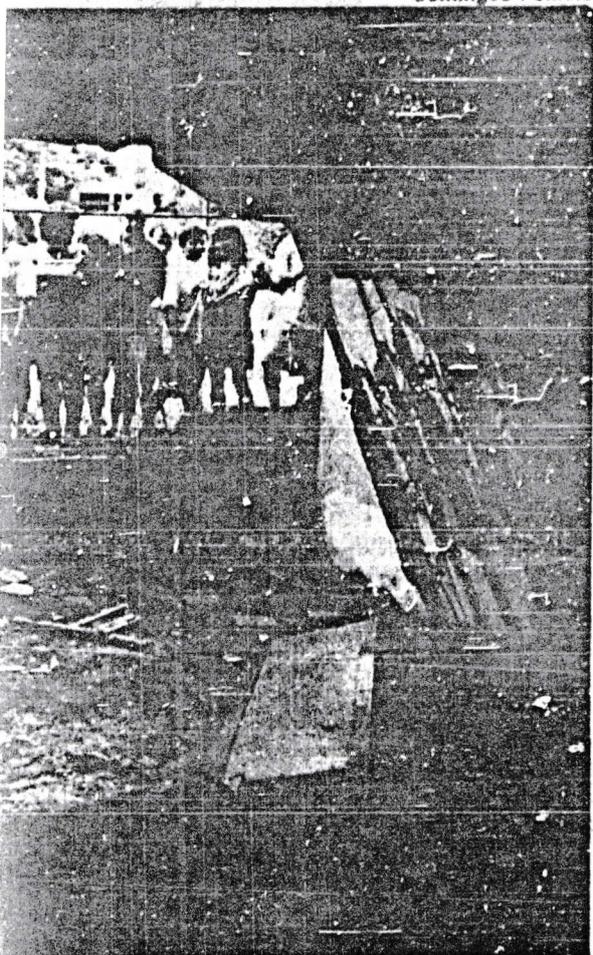
O Glosso - 09/02/1995 - Rio - 19 pág

# Preso albergado mata professora com cinco tiros

## Es morre

## Gonçalo

Domingos Paixoto



onde Evellin morreu, sábado, em São Gonçalo

A historiadora Maria Beatriz do Nascimento, de 52 anos, foi assassinada na noite de anteontem, com cinco tiros, na porta da Lanchonete Pasteur, em Botafogo, a 100 metros de onde morava. Segundo o irmão da vítima, Moisés Pereira do Nascimento, de 62 anos, quem disparou os tiros foi o preso albergado Antonio Jorge Amorim, conhecido como Danoninho, de 35 anos, que discutiu com a vítima no bar porque ela teria aconselhado sua companheira, Aurea, a abandoná-lo porque ele costumava espancá-la.

Segundo o irmão da professora, o assassino, que fugiu após o crime, está na casa de um primo em Copacabana e chegou a telefonar na manhã de ontem para Aurea a fim de se certificar de que Maria Beatriz estava morta. A amiga esteve no Instituto Médico Legal (IML) e, transtornada, lamentou ter sido o pivô da his-

tória e teme vir a ser a próxima vítima de Antônio.

Há duas semanas, Aurea chegou a avisar Maria Beatriz que Antônio planejava matar a historiadora por achar que ela estava interferindo demais na relação dos dois. No sábado à noite, Antônio, que mora próximo à lanchonete, passava pelo local e viu Maria Beatriz. Ela o desafiou e ele sacou o revólver e deu cinco disparos. A família contou que Antônio é condenado por homicídio, mas cumpre pena em regime de prisão albergue no Presídio Edgar Costa, em Niterói.

Maria Beatriz foi socorrida por uma ambulância do Corpo de Bombeiros mas chegou morta ao Hospital Miguel Couto. Ela era professora de história da Escola Roma, no Lido, e morava sozinha há dois meses no número 14 da Avenida Venceslau Brás em Botafogo. O enterro da professora será hoje, às 13h, no Cemitério São João Batista.

Jorge William

## rente no verão

Hipólito Pereira

. Ele  
ntes e  
lo Le-  
se ve-  
ritura

iguel  
a, tu-

